

## A construção de uma nova ordem mundial



Por **GILBERTO LOPES\***

*A dúvida de Olaf Scholz: como a Europa poderá permanecer um ator independente num mundo multipolar?*

### 1.

“A agressão da Rússia contra a Ucrânia pôs fim a uma era”, disse o chanceler alemão Olaf Scholz num artigo publicado na edição de janeiro/fevereiro da revista *Foreign Affairs: The Global Zeitenwende*. Algo como um ponto de não retorno. É também o ponto de partida do Fórum Econômico Mundial que se reuniu em Davos em meados de janeiro: “o mundo está hoje num ponto de inflexão crítico”, dizem.

A questão central para Olaf Scholz era esta: como poderemos, enquanto europeus e União Europeia, continuar sendo atores independentes num mundo cada vez mais multipolar?

Algo sobre o que o presidente francês Emmanuel Macron também tem falado, para quem a Europa deveria repensar sua “autonomia estratégica”. Segundo Emmanuel Macron, “a Europa deve desempenhar um papel mais ativo na OTAN, reduzindo sua dependência dos Estados Unidos e desenvolvendo suas próprias capacidades de defesa para garantir a paz na região”.

Do lado russo, também analisa-se o problema. Fyodor Lukyanov, diretor do Fórum de Discussão Valdai, destacou que a visita do presidente ucraniano Vladimir Zelensky a Washington em 21 de dezembro (deixando de lado a teatralidade envolvida) pode representar um marco para a definição de um novo quadro de segurança europeu.

Com a Ucrânia transformada num porta-aviões norte-americano insubmersível – como diz Lukyanov, um papel semelhante ao desempenhado por Honduras na guerra dos “contras”, montada por Washington contra os sandinistas na Nicarágua na década de 1980 –, o esquema de segurança proposto por Vladimir Putin em dezembro do ano passado já não faz sentido. Com o exército ucraniano bem preparado e apoiado pelo Ocidente, especialmente pelos Estados Unidos, sua eventual adesão à OTAN torna-se irrelevante, [disse Lukyanov](#).

Uma posição semelhante [foi expressa pelo ex-secretário de estado norte-americano Henry Kissinger](#). A Ucrânia obteve um dos maiores e mais eficazes exércitos terrestres na Europa, equipado pelos norte-americanos e seus aliados. A alternativa da neutralidade já não é significativa, disse Kissinger, especialmente após a adesão da Suécia e da Finlândia à OTAN. Repetiu estas ideias em seu discurso no fórum de Davos em 18 de janeiro.

## Os vencedores da Guerra Fria

Que época, segundo Olaf Scholz, está chegando ao fim? Nos anos 1990, parecia que uma ordem mundial mais estável – resiliente, eu diria – se tinha instalado no mundo. Tratava-se da ordem instaurada após a Guerra Fria, de um mundo percebido como de “relativa paz e prosperidade”.

# a terra é redonda

A ex-chanceler alemã Angela Merkel diria, numa entrevista publicada em 7 de dezembro na *Zeit Magazine*, que “a Guerra Fria nunca tinha terminado, porque a Rússia nunca esteve realmente em paz”.

A Alemanha não tinha conseguido atingir seu objetivo de derrotar a Rússia, então chefe da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), na Segunda Guerra Mundial. Confrontada pelo resto da Europa, especialmente pela Grã-Bretanha, então ainda uma grande potência (e que fez o impossível para evitar entrar nessa guerra), e depois pelos Estados Unidos, a Alemanha foi derrotada, numa guerra em que o papel da URSS foi decisivo.

O mundo depois foi dividido em dois grandes blocos. O que os Estados Unidos lideravam assumiu a tarefa de continuar a luta contra o liderado pela União Soviética. Um longo conflito, que durou quase 45 anos, e terminou, como sabemos, com a vitória do bloco ocidental e a dissolução da URSS.

Uma vez libertados os países da Europa Oriental, até então sob tutela soviética, surgiu uma nova ordem internacional: uma Europa “unida e livre”, (“whole and free”, nas palavras do presidente George H. W. Bush), agora sob a liderança norte-americana, deu início à construção dessa nova ordem internacional.

Por um lado, as políticas econômicas neoliberais consolidaram-se, impulsionadas pelas instituições financeiras internacionais, com vastas privatizações nos países da Europa do Leste, que se estenderam também à América Latina, uma região tradicionalmente sob tutela norte-americana. Foi a era do “não há alternativa”, anunciada por uma das mais puras representantes da época, a primeira-ministra inglesa Margaret Thatcher.

Por outro lado - e hoje vemos claramente - , desenhava-se uma nova política externa e de defesa sob a liderança norte-americana, cuja ponta de lança é a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

O objetivo da OTAN, como diria em 1952 seu primeiro secretário-geral, o general britânico de origem indiana, Hastings Ismay, era “*to keep the Soviet Union out, the Americans in, and the Germans down*”, muito em linha com a política externa britânica de então.

Setenta anos depois, o declínio britânico permitiu a Olaf Scholz dizer, em seu artigo, que “os alemães procuram ser os garantidores da segurança europeia que os nossos aliados esperam que sejamos, construtores de pontes na União Europeia e defensores de soluções multilaterais para os problemas globais”.

O sonho da Inglaterra, expresso pelo general Hastings Ismay, foi despedaçado e grande parte do resto da Europa - de visão estreita, na minha opinião - entusiasmada com a guerra contra a Rússia, parece esquecer as consequências do último rearmamento alemão.

Olaf Scholz destacou a alteração da Constituição alemã, que o proibia de armar países em conflito, e anunciou a destinação de 100 bilhões de euros para reforçar suas Forças Armadas. O que pertence a um mesmo mundo deve crescer em conjunto, diria o chanceler Willy Brandt após a queda do Muro de Berlim. Brandt referia-se à Alemanha, mas isso se aplica à Europa como um todo, diz Olaf Scholz.

É o que o Ocidente chama de “um mundo baseado em regras”. O que Olaf Scholz percebe como uma ordem nova, mais resiliente, como um mundo de relativa paz e prosperidade, alguns chamaram de “o fim da história”.

## 2.

Olaf Scholz lamenta que Vladimir Putin, em vez de ver a queda pacífica do Muro de Berlim e da ordem comunista como uma oportunidade para promover mais liberdade e democracia, a tenha qualificado como “a maior catástrofe geopolítica do século XX”.

A frase tem uma dupla implicação. A primeira é colocar o fim da URSS como uma catástrofe maior do que as representadas pela Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Parece um erro insensível de avaliação do presidente russo. Mas tem ainda outro significado, politicamente mais importante para a construção do discurso do chanceler alemão: o de sugerir que o ataque da Rússia à Ucrânia é apenas um passo no esforço de reconstrução da União Soviética.

Não há necessidade de alongar sobre isto para compreender o significado do que Olaf Scholz procura atribuir ao

presidente russo. "Quando Putin deu a ordem para atacar, destruiu uma arquitetura europeia e internacional de paz que levou décadas para construir". "Seu brutal ataque à Ucrânia em fevereiro passado marcou o início de uma nova realidade: o retorno do imperialismo à Europa".

A frase, tal como citada pelo chanceler alemão, revela uma interpretação sutil. A citação a que Olaf Scholz se refere é do [relatório anual do presidente da Rússia para a Assembleia da Federação Russa](#). O texto citado por Scholz, em sua versão em inglês, está no sexto parágrafo: *"Above all, we should acknowledge that the collapse of the Soviet Union was a major geopolitical disaster of the century. As for the Russian nation, it became a genuine drama. Tens of millions of our co-citizens and compatriots found themselves outside Russian territory"*.

Como se pode ver, não é isto que Olaf Scholz diz quando, citando Vladimir Putin, ele afirma, entre aspas: *"was the biggest geopolitical catastrophe of the twentieth century"* (foi a maior catástrofe geopolítica do século XX).

O que diz o texto de Vladimir Putin é: *"was a major geopolitical disaster of the century"*, que pode ser traduzido como "um dos maiores desastres geopolíticos do século". Um verdadeiro drama para a nação russa, acrescentou Putin. "Milhões de nossos cidadãos e compatriotas viram-se fora do território russo". A chave do debate está nas palavras utilizadas em inglês: *"the"*, por um lado, e *"a"*, por outro.

Stephen Frand Cohen, um erudito estadunidense de estudos russos, [afirma](#) que Vladimir Putin tem sido obsessivamente mal citado sobre esta questão, repetindo a frase *"The collapse of the Soviet Union was the greatest geopolitical catastrophe of the twentieth century"*, quando, na verdade, o que ele disse foi que tinha sido *"a major geopolitical catastrophe of the twentieth century"*.

Olaf Scholz ignora estes detalhes e cita a frase como convém à sua argumentação. Veremos que esta não é a única citação em que ele aplica este procedimento. É neste ambiente que o autoritarismo e as ambições imperialistas de Vladimir Putin "começam a emergir", diz ele. Cita posteriormente [o discurso que o presidente russo proferiu dois anos depois](#), em 2007, na Conferência de Segurança de Munique. Um discurso "agressivo" no qual ele "ridicularizou a ordem internacional baseada em regras como um mero instrumento de dominação norte-americana".

## O fracasso do mundo unipolar

É importante considerar a data em que o presidente russo está falando: 2007, há 15 anos. O que Putin diz neste discurso? A primeira coisa é que o modelo de um mundo unipolar, como o que surgiu após o triunfo do Ocidente na Guerra Fria, "não só é inaceitável como impossível no mundo de hoje". O que está acontecendo no mundo de hoje - e é isto que começamos a discutir - é a tentativa de introduzir este conceito nos assuntos internacionais.

E quais têm sido os resultados?, pergunta Putin. "Ações unilaterais, e muitas vezes ilegítimas, não resolveram quaisquer problemas". No final de 2001, os Estados Unidos tinham invadido o Afeganistão e, em março de 2003, o Iraque. "Estamos assistindo ao uso praticamente incontrolável da força militar nas relações internacionais, um crescente desrespeito pelos princípios básicos do direito internacional, que mergulhou o mundo no abismo dos conflitos permanentes. Um Estado - principalmente os Estados Unidos - agindo para além de suas fronteiras, tem procurado impor suas políticas a outras nações, seja na economia, política, cultura, ou educação".

O resultado, diz Vladimir Putin, já em 2007, é que ninguém se sente seguro. "Estou convencido de que chegou o momento em que devemos pensar seriamente na arquitetura da segurança global".

Putin falou de um mundo multipolar, baseado no crescimento econômico de países como a Índia, a China, ou os membros dos BRICs, que na altura era integrado pelo Brasil, Rússia, Índia e China. Destacou a importância de um marco legal sobre armas de destruição em massa, defendeu a necessidade de respeitar o tratado de não-proliferação nuclear, o controle multilateral das tecnologias de mísseis, a prevenção da utilização de armas no espaço.

O discurso aborda ainda outras questões, mas Putin se detém no Tratado sobre as Forças Armadas Convencionais na Europa, assinado em 1999. Sete anos se passaram e apenas quatro países - incluindo a Rússia - ratificaram o tratado, diz Vladimir Putin.

# a terra é redonda

O que aconteceu desde então? "A OTAN colocou suas forças nas nossas fronteiras, enquanto nós continuamos respeitando rigorosamente nossas obrigações do tratado e não reagimos a tais ações". Os países da OTAN declararam que não ratificarão o tratado "até que a Rússia retire suas bases da Moldávia e da Geórgia". Vladimir Putin referiu-se à situação na Moldávia e disse que a discutia regularmente com o secretário-geral da OTAN o espanhol Javier Solana. Ele não falou da situação na Geórgia.

E lembrou de uma declaração de outro secretário-geral da OTAN de 1988 a 1994, o ex-ministro da defesa alemão Manfred Wörner, feita em Bruxelas em 17 de maio de 1990: "o fato de estarmos dispostos a não colocar as tropas da OTAN fora do território alemão dá à União Soviética uma garantia firme de segurança".

A expansão da OTAN, acrescentou Vladimir Putin, não tem relação alguma com a modernização da aliança ou com a garantia da segurança da Europa. Pelo contrário, "representa uma provocação séria que reduz o nível de confiança mútua". Onde estão estas garantias?, perguntou ele.

Vladimir Putin disse também nesse discurso que "o único mecanismo que pode decidir sobre o uso da força militar como último recurso é a Carta das Nações Unidas". Uma declaração que é difícil de conciliar com sua decisão de atacar a Ucrânia, embora as revelações subsequentes, especialmente sobre as intenções ocultas nas negociações do Acordo de Minsk, acrescentem novas nuances ao cenário.

## 3.

Voltemos ao artigo de Olaf Scholz. Em 2014 – diz – a Rússia ocupou a Crimeia e enviou tropas ao Donbas "em violação direta do direito internacional". "Durante os oito anos que se seguiram à anexação ilegal da Crimeia e à eclosão do conflito na Ucrânia oriental, a Alemanha e seus parceiros europeus e internacionais do G7 concentraram-se em salvaguardar a soberania e a independência política da Ucrânia, evitando uma maior escalada da Rússia, restaurando e preservando a paz na Europa".

Juntamente com a França, acrescentou Olaf Scholz, "a Alemanha comprometeu-se no chamado Formato da Normandia, que conduziu aos Acordos de Minsk e ao correspondente processo de Minsk, o qual exigia que a Rússia e a Ucrânia adotassem um cessar-fogo e uma série de outras medidas. Apesar dos problemas e da falta de confiança entre Moscou e Kiev, a Alemanha e a França mantiveram o processo em funcionamento. Mas uma Rússia revisionista tornou impossível o êxito da diplomacia".

Depois, as declarações da ex-chanceler Angela Merkel à referida *Zeit Magazine* deram outra perspectiva sobre os acordos de Minsk. O primeiro acordo, de setembro de 2014, disse Angela Merkel, destinava-se a "dar tempo à Ucrânia para se fortalecer, como podemos ver hoje. A Ucrânia de 2014/2015 não é a Ucrânia de hoje".

Em seguida, veio a batalha de Debatselvo no início de 2015, com uma vitória rápida das forças russas, que levou a um segundo protocolo do acordo de Minsk, assinado em fevereiro desse ano. "Era claro para nós que o conflito estava congelado, que o problema não tinha sido resolvido, mas isto deu à Ucrânia um tempo inestimável", acrescentou Angela Merkel.

Declarações semelhantes foram feitas mais tarde pelo ex-presidente francês François Hollande. Pyotr Poroshenko, que assumiu a presidência da Ucrânia após o golpe de 2014, também reconheceu que os Acordos de Minsk (em cuja negociação ele e Merkel estiveram envolvidos) não eram mais do que um estratagema para ganhar tempo e reforçar militarmente a Ucrânia. "Os acordos de Minsk, apesar das críticas, deram-nos tempo para construir as capacidades de defesa da Ucrânia".

O certo é que, em 10 de dezembro de 2019, o governo ucraniano emitiu um comunicado após uma reunião em Paris dos líderes dos quatro países que moldaram os Acordos de Minsk – França, Alemanha, Rússia e Ucrânia – declarando que continuavam comprometidos com a plena implantação dos acordos e com a promoção de uma "arquitetura sustentável e inclusiva de confiança e segurança na Europa".

A resposta russa foi que as declarações de Angela Merkel eram "decepcionantes". "Não esperava ouvir isso da ex-

chanceler", disse Vladimir Putin. "Pensava que os líderes alemães estavam em diálogo sincero conosco". "A ideia era encher a Ucrânia de armas e prepará-la para o combate. Percebemos isso muito tarde", acrescentou ele.

## A visão de um novo mundo

Olaf Scholz afirma que "Putin quer dividir a Europa em zonas de influência e o mundo em blocos de grandes potências e estados vassalos". Afirma que "Putin nunca aceitou a UE como um ator político", diz ele. Na sua opinião, a União Europeia é uma união de Estados livres, democráticos e soberanos, baseada no estado de direito, antítese da "imperialista e kleptocrática" Rússia.

É difícil encontrar nas propostas de Vladimir Putin medidas que visem estes fins. Embora hoje possam parecer completamente inviáveis, em 2010, Vladimir Putin, então primeiro-ministro russo, apresentou duas propostas que teriam mudado a face da Europa. Em 25 de novembro desse ano, a agência de notícias alemã *DW* escreveu sobre o assunto: "A tinta ainda não secou nas manchetes elogiando, como um passo histórico, o acordo entre os países membros da OTAN e a Rússia sobre a cooperação na construção de um escudo antimísseis em solo europeu quando - após a cúpula com a União Europeia - a adesão de Moscou à Organização Mundial do Comércio está finalmente no horizonte".

Como se fosse pouco, algumas horas mais tarde, no jornal alemão *Süddeutsche Zeitung*, o primeiro-ministro russo Vladimir Putin defendia a integração de uma comunidade econômica harmoniosa de Lisboa a Vladivostok.

Desde então, as tensões só têm aumentado. Deveríamos perguntar-nos por que não foi possível um acordo com a Rússia, nos termos propostos por Vladimir Putin em 2010 ou em outros termos.

Entre as mais sensíveis razões neste cenário estava a ligação do gasoduto *Nord Stream II*, que se tornaria um vínculo estratégico entre a Rússia e a Europa Ocidental. Impedir sua conclusão transformou-se num objetivo fundamental dos Estados Unidos. Um dia saberemos os detalhes do cancelamento do acordo sobre este gasoduto e os atentados subsequentes - atribuídos à inteligência britânica - às instalações existentes tanto do *Nord Stream II* (que nunca entrou em funcionamento) como do *Nord Stream I*, que estava em funcionamento.

## Uma visão diferente

Como a Europa poderá permanecer um ator independente num mundo multipolar?, pergunta o chanceler alemão.

Quando o Grupo de Contato para a Defesa da Ucrânia se reuniu na base aérea militar norte-americana em Ramstein, na Alemanha, em 20 de janeiro, o presidente francês Emmanuel Macron referiu-se ao cenário europeu. Durante uma visita à Espanha, manteve uma longa conversa com o escritor espanhol Javier Cercas em Paris, publicada no jornal *El País*. Há uma crise inédita na Europa, devido à guerra. A resposta deve ser uma Europa poderosa, disse o presidente francês. Uma Europa que deve decidir se quer desempenhar seu próprio papel no cenário mundial ou se alinhar com alguma das duas potências, os Estados Unidos ou a China.

Apesar do apoio militar sustentado à Ucrânia, Emmanuel Macron não deixou de assinalar a necessidade de se vislumbrar uma nova ordem europeia, que inclua a Rússia. "A Rússia é uma grande nação em busca de seu destino", disse Emmanuel Macron, para quem a paz duradoura com o Ocidente só será alcançada através do diálogo.

A Europa não terminou de digerir o cenário que surgiu no final da Guerra Fria; estendeu-se rapidamente para o leste, pensando que todos os problemas tinham sido resolvidos, apenas para descobrir hoje que existem dois blocos de nações no grupo, com visões diferentes do futuro. Um problema que - em sua opinião - não afeta apenas a Europa, mas todas as democracias ocidentais, "que vivem numa espécie de fadiga, uma perda de referências coletivas".

O presidente francês tem precedentes políticos próximos nos quais se inspirar. Em março do ano passado, comemoraram-se os 60 anos dos Acordos de Évian, nos quais foi acordado um cessar-fogo na guerra pela independência da Argélia. Não significava a paz de imediato, mas foi o início de um processo levado a cabo pelo general De Gaulle, o mesmo que visitou

# a terra é redonda

Argel como primeiro-ministro e ministro da defesa em junho de 1958, onde gritou "Viva a Argélia francesa!"

Quatro anos depois, como presidente da República, negocou um acordo e promoveu o processo de paz que o colocaria contra seus antigos aliados, sobretudo os militares ultranacionalistas e os *pieds-noirs*, os mais de um milhão de colonos franceses na Argélia, contrários à independência argelina e dispostos a seguir com uma guerra ainda mais sangrenta do que até então, a fim de tentar impedi-la.

Mas De Gaulle era uma figura extraordinária forjada na resistência aos alemães na Segunda Guerra Mundial. A televisão espanhola, num programa sobre os 60 anos dos Acordos de Évian, lembrou como "através dos discursos de De Gaulle à nação, observa-se a mudança política que experimentou, adaptando-se à realidade e ao tabuleiro internacional" de seu tempo.

Passou da tentativa inicial de conter a Argélia francesa no reconhecimento de sua autodeterminação a confrontar-se com a violenta população colonial de *pieds-noirs*, uma vez proclamada a independência.

Visão e coragem são indispensáveis para forjar uma nova era que impeça o avanço do confronto militar - o único caminho seguido até agora na crise da Ucrânia - em que os *pieds-noirs* vão se impondo, sem que apareça até agora um De Gaulle capaz de os colocar em seu lugar.

\***Gilberto Lopes** é jornalista, doutor em Estudos da Sociedade e da Cultura pela Universidad de Costa Rica (UCR). Autor de Crisis política del mundo moderno (Uruk).

Tradução: Fernando Lima das Neves

**O site A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.  
Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[Clique aqui e veja como](#)**